

LÍNGUA E PRECONCEITO EM COMENTÁRIOS ON-LINE: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA

Sarah Luiza dos Santos Moreno (UESB)

morenosarahluiza@gmail.com

Lara da Silva Cardoso (UESB)

lara.silva@uesb.edu.br

Vívian Antonino (UESB)

vivian.antonino@uesb.edu.br

RESUMO

Este artigo investiga as avaliações metalinguísticas de falantes do português brasileiro no ambiente digital sob a perspectiva teórica da Sociolinguística, inserindo-se nos debates clássicos sobre o problema da avaliação formulado por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e reconfigurado pela terceira onda de estudos da variação. O objetivo é discutir as percepções e os julgamentos de falantes nativos sobre o próprio repertório verbal a partir de interações em redes sociais, questionando se o falante julga a si mesmo um bom usuário de sua língua e quais os possíveis efeitos sociais dessas avaliações. Metodologicamente, trata-se de um estudo de caráter exploratório e qualitativo, cujo *corpus* é composto por uma amostra de comentários de usuários da língua portuguesa extraídos das plataformas digitais *YouTube* e *TikTok*, em vídeos voltados ao ensino de português e ao policiamento da escrita. Os resultados apontam para uma recorrente autoavaliação negativa por parte dos falantes nativos, que internalizam uma posição linguística conservadora ao condicionarem o domínio real da língua materna ao conhecimento absoluto da gramática normativa. Conclui-se que o ambiente das redes sociais opera como um *locus* expressivo de circulação, disputa e reprodução de juízos de valor que desvalorizam a diversidade linguística do português brasileiro cotidiano, legitimando hierarquias excludentes e perpetuando discursos que dão sustentação ao preconceito linguístico na sociedade contemporânea.

Palavras-chave:

Língua. Norma-padrão. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This article investigates the metalinguistic evaluations of Brazilian Portuguese speakers in the digital environment from a sociolinguistic perspective, engaging with classic debates on the problem of evaluation formulated by Weinreich, Labov, and Herzog and reconfigured by the third wave of variation studies. The objective is to discuss the perceptions and judgments of native speakers about their own verbal repertoire based on interactions in social networks, questioning whether the speaker considers themselves a good user of their language and what the social effects of these evaluations are. Methodologically, this is an exploratory and qualitative study, whose corpus consists of a sample of comments from Brazilian users extracted from the digital platforms *YouTube* and *TikTok*, in videos focused on teaching Portuguese and policing writing. The results point to a recurring negative self-evaluation on the part of native speakers, who internalize conservative linguistic ideologies by conditioning the real mastery of the mother tongue to the absolute knowledge of normative grammar. It is concluded that

the social media environment operates as an expressive locus for the circulation, dispute, and reproduction of value judgments that devalue the linguistic diversity of everyday Brazilian Portuguese, legitimizing exclusionary hierarchies and perpetuating discourses that support linguistic prejudice in contemporary society.

Keywords:

Language. Standard-norm. Linguistic prejudice.

1. Introdução

Um dos objetivos centrais dos estudos linguísticos é compreender as complexas relações entre língua e sociedade, um vínculo tão intrínseco quanto inevitável. É precisamente sobre esse eixo que se debruça a Sociolinguística, disciplina que, ao demonstrar a covariação sistemática entre estruturas linguísticas e fatores sociais, descreve a heterogeneidade da língua e, nesse gesto descritivo, a institui como objeto legítimo de análise, sugerindo que a variação (e, consequentemente, a mudança linguística) não é uma “patologia” do sistema, mas sua própria condição de funcionamento.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a mudança linguística é teorizada por meio de cinco problemas fundamentais que condicionam sua investigação. De modo geral, o problema da restrição diz respeito às condições estruturais e sociais que favorecem ou limitam a mudança; o problema do encaixamento refere-se ao modo como a mudança se insere nas estruturas linguística e social preexistentes e o problema da transição busca explicar como a mudança se difunde sem ruptura da comunicação. Já o problema da implementação procura compreender por que uma mudança ocorre em dado momento, em determinado aspecto linguístico e em uma dada comunidade, enquanto o problema da avaliação investiga os efeitos que as mudanças produzem nas estruturas da língua e da sociedade, bem como a forma como tais efeitos são valorados, sugerindo que determinadas variantes podem ser socialmente prestigiadas ou estigmatizadas conforme ideologias linguísticas e relações de poder.

Dentre esses, o problema da avaliação, isto é, o impacto dos valores sociais sobre a percepção e o julgamento de traços linguísticos, é considerado pelos próprios autores da proposta como uma questão “mais difícil” (Cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 127), dadas a complexidade e a multiplicidade dos atravessamentos sociais que envolvem a valorização de qualquer fenômeno da língua. Por isso, a despeito de sua relevância, tal problema de pesquisa permaneceu, por longo período, pouco investigado. É, sobretudo, a partir da chamada “terceira onda” dos estudos sociolinguísticos que a questão retorna ao primeiro plano da agenda de pesquisas, agora reconfigurada: trata-se de compreender a língua em sociedade como recurso ativo na

construção de estilos, identidades e posicionamentos ideológicos (Cf. Eckert, 2022 [2012]). Mais recentemente, o estudo da avaliação e percepção sociolinguística passou a ser relacionado à investigação dos mecanismos que engendram o preconceito linguístico, identificando quais significados sociais são sistematicamente associados a determinadas variantes e variáveis (Cf. Vescovi; Grando, 2020).

Neste artigo, analisamos a avaliação de falantes do português brasileiro a respeito da percepção sobre o uso de sua própria língua a partir de comentários em redes sociais. A partir dos princípios teóricos da Sociolinguística, nosso objetivo é discutir, tendo como *corpus* de investigação comentários em vídeos sobre ensino de português disponíveis nas plataformas *YouTube* e *TikTok*, se a avaliação metalinguística do brasileiro sobre seu repertório verbal é negativa ou positiva. Este artigo se insere, portanto, no debate sobre o problema da avaliação, formulado pelos fundadores da Sociolinguística, a partir da seguinte problematização: o falante do português brasileiro julga a si mesmo um bom falante da própria língua? Quais efeitos sociais são possíveis de serem produzidos a partir dessa avaliação metalinguística?

O artigo organiza-se em cinco seções. Esta seção introduz o artigo. A seção 2 situa o leitor no arcabouço teórico da Sociolinguística, com foco nos conceitos de variação, avaliação e percepção, além de uma breve contextualização da trajetória histórica desse campo de pesquisa. A seção 3 aborda a relação entre linguagem, ideologia e redes sociais, tomando os comentários em redes sociais online como *locus* privilegiado para a investigação de julgamentos metalinguísticos. A seção 4 explicita a metodologia e o *corpus* (comentários do *YouTube* e *TikTok* em vídeos de ensino de português) e desenvolve a análise. A seção 5, por fim, apresenta as considerações finais.

2. Língua, linguagem e sociedade: a perspectiva sociolinguística

O surgimento da Sociolinguística acontece como crítica a modelos tradicionais de análise linguística, em especial o Estruturalismo e o Gerativismo, que, de modo geral, abordam a língua como um sistema fechado e homogêneo. Nesses modelos, compreende-se o sistema linguístico como estável, uniforme e independente das variações sociais, tratando as diferenças como desvios ou imperfeições em relação a um padrão pré-estabelecido. Já a Sociolinguística, de acordo com Alves, Carvalho e Barbosa (2024, p. 10), “abrange uma área ampla de estudos cuja base é a relação entre língua e sociedade, em um diálogo no qual se identificam as estruturas sociais nas quais a língua se manifesta”. Sendo assim, a língua é concebida como um sistema aberto e heterogêneo, reconhecendo que a variação é constitutiva do funcionamento linguístico e está diretamente relacionada aos fatores sociais,

históricos e culturais dos falantes e da comunidade. Nessa perspectiva, essa disciplina parte do reconhecimento da diversidade linguística como elemento intrínseco à vida social para, em seguida, oferecer instrumentos analíticos que permitam compreender essa diversidade em sua sistematicidade.

Nesse quadro teórico, como sintetiza Coelho *et al.* (2010, p. 25), “a variação é inerente às línguas e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes”. Desse modo, as diferentes formas de expressão linguística não apenas coexistem de maneira sistemática e previsível, como também se organizam a partir de condicionantes internos e sociais, sugerindo que a heterogeneidade constitui um princípio estruturante e não um desvio do funcionamento da língua. Nessa direção, a Sociolinguística rompe com a concepção normativa de língua ao privilegiar os usos reais e ao reconhecer que as práticas linguísticas estão intrinsecamente ligadas à construção de identidades, à circulação de sentidos e às formas de inserção dos sujeitos nas estruturas sociais.

Além disso, no âmbito da teoria da variação e da mudança, brevemente explicitada na seção 1, o problema da avaliação refere-se à maneira como os falantes atribuem valores sociais às variantes linguísticas, influenciando sua aceitação, difusão ou estigmatização nos diferentes contextos de uso. No português brasileiro, por exemplo, especificamente no caso da variável de primeira pessoa do plural, a alternância entre “nós” e “a gente” sugere que as variantes não se distinguem apenas do ponto de vista estrutural, mas também pelos significados sociais que carregam. Em geral, “nós” tende a ser associado a contextos de maior formalidade e prestígio, enquanto “a gente” é frequentemente relacionado à oralidade e à informalidade, o que demonstra que a escolha entre essas formas é orientada por avaliações sociais compartilhadas pelos falantes (Freitas; Carvalho, 2020).

A partir dessa perspectiva, salienta-se, então, a relevância dos estudos que abordam, direta ou indiretamente, o problema da avaliação. Angeli e Scherer (2023) corroboram com essa afirmação ao sugerirem que as avaliações atribuídas às variantes carregam valores sociais e ideológicos, indicando sua relação direta com a produção e a manutenção do preconceito linguístico. Essa visão também é reforçada por Alves, Carvalho e Barbosa (2024), ao apontarem que as escolhas linguísticas funcionam como marcas de identidade ligadas a fatores como escolaridade e faixa etária.

Tais aspectos explicitam que a avaliação linguística está profundamente vinculada a noções de prestígio, formalidade e valor social, o que implica reconhecer seu papel na legitimação de hierarquias linguísticas e sociais. Logo, analisar a avaliação sociolinguística dos falantes do português se apresenta como um significativo ponto de partida para entender a relação

entre língua, sociedade, ideologia e preconceito linguístico. E, como um espaço de interação social, as redes sociais são um *locus* interessantes de investigação dessas relações. A seção seguinte apresenta uma descrição sucinta de como as redes sociais se constituem como um espaço de (re)produção de preconceito linguístico.

3. As redes sociais como espaço de (re)produção de preconceito linguístico

As práticas sociais e linguísticas se manifestam em múltiplos domínios, estendendo-se do contexto presencial às interações mediadas por tecnologias digitais de informação e comunicação. Contemporaneamente, essas relações são intensificadas pelos ambientes digitais, que ampliam as possibilidades de comunicação. De acordo com Vescovi e Grando (2020, p. 50), há “participação e interação em diferentes esferas da comunicação midiática, onde as informações são facilmente criadas, editadas e distribuídas”. Dessa forma, a linguagem, no contexto digital, se configura como prática social dinâmica, sendo fundamental para a construção de sentidos e para a mediação das relações entre indivíduos de diferentes (ou semelhantes) núcleos sociais.

Com o avanço da tecnologia, sobretudo no século XXI, as formas de interação passaram por transformações significativas, especialmente com o desenvolvimento da Web 2.0 (Cf. Castells, 2003), caracterizada pela participação ativa dos usuários na produção de conteúdo. Nesse cenário, os sujeitos deixam de ser apenas receptores e passam a atuar também como produtores de conteúdo, em um ambiente colaborativo e interativo. Esses recursos digitais favoreceram a participação ativa dos usuários (Cf. Castells, 2003). Assim, a Web 2.0 redefiniu as práticas comunicativas e ampliou as possibilidades de interação social mediadas pela linguagem.

Essa nova dinâmica digital provocou transformações significativas nas formas de comunicação, possibilitando o surgimento de diferentes tipos de interação mediada pelas tecnologias. Nesse contexto, Angeli e Scherer (2023) destacam quatro formas de interação, dentre as quais se sobressai a interação mediada online, característica central da contemporaneidade. Essa forma de interação diferencia-se das demais por seu caráter dialógico e pela amplitude de seus participantes, uma vez que se orienta para múltiplos destinatários simultaneamente e não de um para um (Cf. Angeli; Scherer, 2023, p. 17). Além disso, essa modalidade ocorre em ambientes digitais mediados por dispositivos tecnológicos, permitindo que os indivíduos estabeleçam relações sociais mesmo a distância. Dessa forma, a interação mediada online sugere uma reconfiguração das práticas comunicativas, ao ampliar as possi-

bilidades de participação, colaboração e construção coletiva de sentidos no ciberespaço.

A partir dessa nova forma de interação, houve uma ampliação significativa de possibilidades de manifestação da língua, resultando na emergência e diversificação dos gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros textuais podem ser compreendidos como formas de ação social, constituídas historicamente e vinculadas às práticas comunicativas dos sujeitos em diferentes esferas da atividade humana. Ainda conforme discutem Marcuschi (2008) e Uchôa *et al.*, (2025), tais gêneros não se configuram como estruturas rígidas, mas como formas relativamente estáveis que se organizam conforme as condições de produção e circulação dos discursos, ilustrando seu caráter dinâmico e social.

Além disso, a articulação entre linguagem e tecnologia impulsionou reconfigurações na organização textual e no funcionamento dos gêneros, sobretudo em virtude de recursos como o hipertexto, que possibilita percursos de leitura não lineares e maior interação por parte do leitor (Cf. Uchôa *et al.*, 2025). Surgem, assim, os gêneros textuais digitais, condicionados pelas práticas sociais mediadas pelas tecnologias e pelas especificidades do meio digital, incorporando características como interatividade, circulação ampliada e participação ativa dos sujeitos, intensificando práticas já existentes e redefinindo as dinâmicas de uso da linguagem (Cf. Bertucci; Nunes, 2017). Nesse contexto, práticas como postagens, comentários e interações em redes sociais demonstram a adequação da linguagem às exigências comunicativas contemporâneas, incorporando elementos como agilidade, interatividade e multimodalidade.

Dentre os gêneros textuais digitais, destaca-se o comentário digital, que se configura como uma prática discursiva central nas interações em redes sociais. Construído no discurso eletrônico, esse gênero estabelece uma relação direta com um enunciado anterior, a partir do qual o sujeito se posiciona, avalia ou complementa o conteúdo. Segundo Fonseca e Viana (2024, p. 4), trata-se de um gênero que “possibilita que outros objetos linguísticos teçam, sobre ele, considerações avaliativas cuja estratégia empregada pelos comentaristas é a opinativa”. Além disso, como apontam Bertucci e Nunes (2017), os comentários estão inseridos em dinâmicas interativas marcadas pela participação dos usuários, evidenciando sua natureza responsiva e seu papel na construção coletiva de sentidos. Dessa forma, o comentário digital consolida-se como um gênero dinâmico, diretamente relacionado às práticas sociais mediadas pela tecnologia e às novas formas de interação no ambiente virtual.

Ademais, uma vez que a internet é reflexo da sociedade que a utiliza, ela também se configura como um espaço de disseminação de preconceito linguístico. No contexto das mídias sociais, a ampliação das formas de interação e participação abrem espaço para reforçar visões normativas e excludentes sobre a língua. Nesse sentido, como destacam Vescovi e Grando (2020, p. 54), “o preconceito linguístico entra na gama do preconceito social, visto como uma atitude em que alguém faz um pré-julgamento da forma de usar a língua do outro, seja na fala, seja na escrita.”. Assim, o ambiente digital pode contribuir para intensificar práticas de julgamento linguístico, contribuindo para a manutenção de estigmas e hierarquizações entre os falantes.

Na seção a seguir, apresentamos o *corpus* utilizado, a metodologia e análise dos dados que basearam esta investigação, sobre a existência, em comentários online de redes sociais, de avaliação metalingüística sobre o uso da língua.

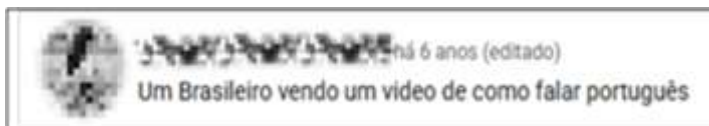
4. Metodologia e Análise de dados

O presente estudo possui caráter exploratório e qualitativo, buscando compreender como se manifestam discursos de autoavaliação linguística em ambientes digitais. Para isso, foram analisados comentários publicados em duas plataformas amplamente utilizadas para compartilhamento de conteúdos audiovisuais: o *YouTube* e o *TikTok*.

O *YouTube* é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos que permite a publicação, visualização e interação entre usuários por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários. Desde sua criação, tornou-se um dos principais espaços de circulação de conteúdos educativos, informativos e de entretenimento, possibilitando a formação de comunidades em torno de diferentes temas e promovendo a participação ativa dos usuários. O *TikTok*, por sua vez, é uma rede social baseada na produção e no consumo de vídeos curtos, marcada pela rápida circulação de conteúdos e pela intensa interação entre os usuários. Ambas as plataformas utilizam algoritmos de recomendação que ampliam o alcance das publicações e favorecem a disseminação de discursos, opiniões e práticas sociais, tornando-se um espaço relevante para a observação de fenômenos linguísticos contemporâneos.

Para a constituição do *corpus*, foram utilizadas as palavras-chave “erros de português” e “falando errado”, uma vez que essas expressões estão diretamente associadas a conteúdos que abordam correção linguística, norma-padrão e desvios em relação aos usos considerados adequados da língua. A escolha desse termo permitiu restringir a busca a publicações que discutem explicitamente questões normativas da língua portuguesa, facilitando a

Figura 3: Comentário extraído de vídeo publicado no YouTube.



Fonte: Captura de tela do vídeo.

Os comentários apresentados na figura 1 sugerem a internalização de discursos normativos acerca da língua portuguesa. No primeiro comentário, o usuário afirma que “até nós brasileiros estão precisando aprender português” (sic), sugerindo que o domínio da língua materna estaria condicionado ao conhecimento das regras prescritas pela norma-padrão. Tal posicionamento revela a percepção de que o português efetivamente falado pelos brasileiros não seria suficiente para caracterizar um domínio legítimo da língua.

De modo semelhante, o segundo comentário apresenta uma avaliação negativa da própria competência linguística ao afirmar que a maioria dos brasileiros “não sabem falar corretamente a língua”, sobretudo em relação à escrita. Observa-se que o usuário estabelece uma associação entre falar português e utilizar adequadamente as formas legitimadas pela gramática normativa, desconsiderando a legitimidade das diferentes variedades linguísticas existentes na comunidade de fala. Esses discursos explicitam a influência de posicionamento que atribui maior prestígio à norma-padrão e contribui para a construção de sentimentos de inadequação entre os próprios falantes nativos.

Cabe observar que, na figura 3, o internauta ironiza a relação dos próprios brasileiros com sua língua materna ao comentar “um brasileiro vendo um vídeo de como falar português”. O enunciado sugere que os falantes nativos necessitariam reaprender sua própria língua, reforçando a ideia de que o português legítimo seria apenas aquele correspondente às prescrições da gramática normativa. Nesse sentido, o comentário reproduz uma visão hierarquizada da linguagem, segundo a qual as variedades linguísticas utilizadas cotidianamente pelos brasileiros seriam insuficientes ou inadequadas.

Tal posicionamento contribui para a disseminação do preconceito linguístico, uma vez que desvaloriza formas de fala socialmente difundidas e reforça a crença de que há apenas uma maneira correta de utilizar a língua portuguesa, e que não é a utilizada diariamente entre os falantes nativos. Nesse contexto, os indivíduos passam a compreender sua língua materna como algo que ainda precisa ser aprendido, reforçando concepções que desvalorizam a diversidade linguística e favorecem a reprodução do preconceito linguístico.

4.2. Análise do Vídeo 2

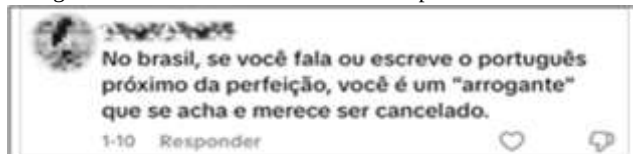
O vídeo publicado no *TikTok*, apresenta em tom humorístico, a figura de supostos “policiais da escrita”, responsáveis por fiscalizar e corrigir usos considerados inadequados da língua portuguesa. Embora a proposta seja cômica, a encenação reproduz uma visão prescritiva da linguagem ao associar a norma-padrão à ideia de correção e legitimidade linguística.

Figura 4: Comentário extraído de vídeo publicado no *TikTok*.



Fonte: Captura de tela do vídeo.

Figura 5: Comentário extraído de vídeo publicado no *TikTok*.



Fonte: Captura de tela do vídeo.

Os comentários apresentados nas figuras 4 e 5 sugerem diferentes percepções acerca do uso da língua portuguesa e de sua relação com a norma-padrão. No primeiro comentário, o usuário afirma que está “aprendendo a falar com esses vídeos”, sugerindo que seu conhecimento linguístico prévio não seria suficiente ou adequado. Tal posicionamento revela uma avaliação negativa da própria competência linguística e reforça a ideia de que falar português corretamente depende da assimilação das regras prescritas pela gramática normativa.

Esse discurso aproxima-se do que se observa em outros espaços digitais, nos quais falantes nativos passam a compreender sua própria língua como algo que ainda precisam aprender. Nessa perspectiva, a variedade linguística utilizada cotidianamente pelos indivíduos é frequentemente desvalorizada em favor de um modelo idealizado de língua, associado à norma-padrão.

Por outro lado, o comentário apresentado na figura 5 oferece uma perspectiva distinta sobre as relações entre língua e sociedade. Ao afirmar que, no Brasil, indivíduos que falam ou escrevem o português de forma próxima à norma-padrão são frequentemente considerados “arrogantes” e po-

dem até ser alvo de rejeição social, o usuário chama atenção para os julgamentos sociais que permeiam as práticas linguísticas.

Além disso, ao associar essa norma a uma ideia de “perfeição”, o autor evidencia como o padrão idealizado opera como um construto simbólico de prestígio. O comentário sugere, assim, que o domínio de variedades de maior prestígio não é interpretado apenas como um indicador de competência linguística, mas como um marcador social capaz de produzir distanciamentos e estereótipos. Nesse sentido, fica claro que as normas e as percepções sobre a “perfeição” na língua não são neutras, mas atravessadas por relações de poder e por construções sociais sobre os falantes.

Assim, a valorização da norma-padrão pode tanto funcionar como instrumento de prestígio quanto provocar reações negativas quando associada a atitudes de superioridade ou distinção social. Dessa forma, os comentários revelam que as redes sociais constituem espaços de circulação e disputa de ideologias linguísticas.

Enquanto alguns usuários reproduzem discursos que associam competência linguística ao domínio da norma-padrão, outros questionam os valores sociais atribuídos a essa variedade, demonstrando que as concepções sobre o que significa “falar bem” português não são homogêneas e estão diretamente relacionadas às experiências sociais dos falantes.

5. Considerações finais

A partir da análise dos comentários publicados no *YouTube* e no *TikTok*, foi possível observar que muitos falantes do português brasileiro avaliam negativamente sua própria competência linguística, associando o domínio da língua ao conhecimento da norma-padrão. Essa percepção aponta para a influência de ideologias linguísticas que atribuem maior prestígio às variedades consideradas corretas e desvalorizam outras formas legítimas de uso da língua.

Os dados também sugerem que as redes sociais constituem espaços importantes para a circulação e reprodução de julgamentos linguísticos, tornando visíveis concepções sobre o que significa “falar bem” português. Nesse contexto, a avaliação linguística revela-se diretamente relacionada à construção de identidades, ao prestígio social e à manutenção do preconceito linguístico. Dessa forma, o estudo reforça a importância dos pressupostos da Sociolinguística para a compreensão da diversidade linguística e para o questionamento de discursos que associam variação a erro. Ao reconhecer a heterogeneidade como característica constitutiva das línguas, torna-se possí-

vel promover uma visão mais inclusiva e crítica sobre os diferentes usos do português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gilson Chicon; CARVALHO, Cid Ivan da Costa; BARBOSA, José Roberto Alves (Org.). *A sociolinguística em perspectiva: pesquisa e ensino de línguas*. Mossoró: Edições UERN, 2024. E-book. Disponível em: <https://portal.uern.br/wp-content/uploads/sites/14/2024/08/E-book-A-Socio-linguistica-em-Perspectiva-pesquisa-e-ensino-de-linguas.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ANGELI, Pedro Henrique de; SCHERER, Canício. *O processo de construção da identidade do sujeito pela linguagem no ambiente virtual*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Centro Universitário Salesiano, Vitória, 2022. Disponível em: <https://unisales.br/wp-content/uploads/2023/06/O-PROCESSO-DE-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE-DO-SUJEITO-PELA-LINGUAGEM-NO-AMBIENTE-VIRTUAL.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BERTUCCI, Roberlei Alves; NUNES, Paula Ávila. Interação em rede social: das reações às características do gênero comentário. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 313-38, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL29-v11n2a2017-3>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36921>. Acesso em: 7 out. 2025.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Trad. de Samuel Gomes de Oliveira; Lívia Majolo Rockenbach; Athany Gutierrez. *Organon*, v. 37, n. 73, p. 268-91, Porto Alegre, jan./jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122962>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962/85298>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FONSECA, Cristina Mara França Pinto; VIANA, Vanessa Faria. O gênero comentário digital: um estudo à luz da teoria da estrutura retórica e da linguística textual. *Revista Synthesis*, v. 13, n. 1, p. 119-33, Pará de Minas,

2024. Disponível em: <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/download/700/400/1866>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos “nós” e quem é “a gente”? uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. In: VIANA, R.B. de Macêdo; RODRIGUES, L.S.; PONTES, V. de O.; CARVALHO, H.M. de (Org.). *Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 124-42. DOI: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.985.124-142>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

UCHÔA, José Mauro Souza; SILVA, Romário Souza da; NASCIMENTO, Tacila da Silva Gomes; OLIVEIRA, Andressa Raquel Lima de. Influência das redes sociais na construção de identidades individuais e coletivas: uma reflexão sobre gêneros discursivos das ambiências digitais. *Communitas*, v. 9, n. 22, e8552, Rio Branco, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/268346.9.22-21>. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/8552>. Acesso em: 7 out. 2025.

VESCOVI, Camila; GRANDO, Roziane Keila. As mídias sociais e as novas formas de construção e disseminação do preconceito linguístico. *RE-UNIR – Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia*, v. 7, n. 1, p. 49-71, Porto Velho, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/5313/3577>. Acesso em: 7 out. 2025.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Outras fontes:

GUTONASSEROFS. *Quando o policial tem TOC com o português correto*. TikTok: GUTONASSEROFS, 23 jul. 2025. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMAetGEWD/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PORTUGUÊS COM MARCIA MACEDO. *Dicas para falar português | Português para Estrangeiros #learnportuguese*. YouTube, 17 dez. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/J-KXieYKgRY?si=A1pG1rpE5aemBTX7>. Acesso em: 12 ago. 2026.